

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

Anne Machado Coutinho

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO EM FREUD**

Especialização em Teoria Psicanalítica

São Paulo

Julho/2017

Anne Machado Coutinho

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO EM FREUD**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de ESPECIALISTA em Teoria Psicanalítica, sob orientação da Profª Dra. Teresa Cristina Endo

São Paulo

Julho/2017

Anne Machado Coutinho

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO EM FREUD**

Monografia apresentada à Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção  
de título de ESPECIALISTA em  
Teoria Psicanalítica, sob orientação  
da Profa. Dra. Teresa Cristina Endo

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Renata Udler Cromberg

---

Profa. Dra. Carmen Lucia  
Montechi Valladares de Oliveira

RESUMO

COUTINHO, A. M. **A construção do conceito de narcisismo em Freud**. 2017. Xx f. Monografia (Especialização) – Teoria Psicanalítica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
1. AS ORIGENS DO TERMO NARCISISMO	
1.1. Elaboraões sobre o conceito na psiquiatria	
1.2. A elaboração do conceito dentro da clínica psicanalítica	
2. A INTRODUÇÃO FORMAL DO NARCISISMO: O TEXTO DE 1914	
3. O NARCISISMO APÓS 1914	
3.1. O narcisismo na segunda tópica	

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo narcisismo se manifestou ainda bem anteriormente ao início dos estudos da Psicanálise, através de uma encenação do mito de Narciso, que conta de alguém que se apaixona por sua própria imagem e, sucumbindo a ela, acaba por morrer. De alguma maneira nos chamou atenção esta relação – com um desdobramento tão trágico – de alguém com uma imagem especular de si mesmo. Posteriormente, a partir do contato com a clínica das psicoses, esta forma narcísica de sofrimento foi ocupando de forma progressiva um espaço em nossa prática clínica significativo, na medida em que sua compreensão, junto a outros conceitos, nos traz um recurso para realizar tanto diferenciações diagnósticas como contribui na elaboração de *prototeorias* utilizadas na busca de arranjos de fenômenos clínicos na tentativa de obter alguma compreensão dos casos

Sendo o curso de especialização em Teoria Psicanalítica focalizado na obra de Freud, consideramos significativo realizar um trabalho de conclusão de curso que se pretenda compreender de forma fidedigna o conceito de narcisismo em sua obra, ou seja, com o rigor com que Freud emprega seu sistema de pensamento, sua forma de pensar e construir teorias. Sabemos previamente que esta escolha nos trará algumas consequências, apesar de não conhecermos todas elas, inferimos a complexidade do que trataremos a seguir, pois é sabido que a construção da teoria freudiana se dá de forma difusa, com avanços e recuos que produzem novos desdobramentos. Como correntes de água que ao se espalharem vão formando diversos fluxos que continuam a se ramificar, ficando as vezes difícil, senão impossível, de encontrar seu ponto final. Tendo esta questão em mente, nos parece indispensável nos atentarmos às principais consequências que este conceito traz à metapsicologia freudiana, bem como de que maneira esta mesma metapsicologia influencia a construção do conceito que vamos explorar.

Tomando em consideração esta complexidade, pretendemos realizar uma revisão bibliográfica dos principais textos de Freud que participam da construção do conceito de narcisismo, que sabemos percorrer grande parte de sua obra. Para efeito de orientação e contorno deste trabalho adotaremos como principal linha condutora o tempo, ou seja, buscaremos na medida do possível realizar a exposição deste processo de construção de forma ancorada à obra freudiana de maneira cronológica, numa espécie de linha do tempo que, por vezes, precisaremos nos transportar ao passado ou ao futuro, mas sempre retornando ao presente do texto em questão.

O trabalho será exposto basicamente em quatro partes: na primeira, buscaremos a explorar das origens do termo narcisismo tanto na clínica psiquiátrica como na psicanalítica, recorrendo para isso fontes diferentes do texto freudiano. Na segunda, buscaremos compreender as primeiras elaborações sobre o narcisismo por Freud em sua obra, utilizando para isso textos de Freud onde o narcisismo aparece, mas não ainda enquanto conceito. Na terceira, trataremos da introdução formal ao narcisismo, em um texto de Freud dedicado a este tema. E finalmente, no quarto capítulo, buscaremos trazer as principais consequências e desdobramentos que o conceito sofreu e

promoveu desde sua conceituação, principalmente relativas à entrada na *segunda tópica*.

Consideramos importante chamar a atenção do leitor em relação a algumas escolhas que precisaram ser feitas durante a tessitura deste trabalho em relação a alguns termos utilizados bem como a forma de grafá-los, na tentativa de tornar o texto mais fluído e inteligível.

Em diversos momentos, para a apreensão tanto de conceitos como de lógicas de funcionamento mental, seremos levados com Freud ao estudo de algumas categorias psicopatológicas que no texto freudiano aparecem com diferentes terminologias das utilizadas atualmente pela psicanálise. Isto ocorre em função de a teoria psicanalítica ter como principal fonte de material para suas elaborações as indagações construídas a partir da prática clínica. Com isso, é bastante costumeiro – e muito importante – em Freud nos depararmos com observações de mecanismos presentes nas manifestações psicopatológicas sendo ampliados e utilizados para pensar o funcionamento da mente comum. Com isso Freud buscou fornecer indicações globais do funcionamento do psiquismo, partindo da análise de fatos isolados e construindo a partir deles formulações que nos contam de algo da universalidade humana. Esta é uma característica bastante importante no sistema de pensamento freudiano e se faz presente durante toda elaboração não apenas do conceito de narcisismo, mas em toda a psicanálise.

Assim, neste trabalho precisaremos nos debruçar em alguns momentos no estudo de alguns *tipos clínicos*, categorias psicopatológicas, sendo mais frequentes as *parafrenias* e a *demência precoce*, que compreendemos se tratar do que chamamos hoje de psicoses e esquizofrenia, respectivamente. É sabido que no início a psicanálise não possuía uma nosografia que lhe fosse própria, assim Freud se apoiava na terminologia psiquiátrica compartilhada com seus contemporâneos, como Breuer, Abraham e Jung, apenas para citar alguns. No entanto, no decorrer da elaboração da teoria psicanalítica isso foi se transformando, e hoje utilizamos outros termos para nos referirmos alguns quadros clínicos. Assim, optamos por chamar de *psicoses* o que em alguns momentos Freud chamou de *parafrenias* e de *esquizofrenia* o que Freud chamou

de *demência precoce*. Em relativa parte do texto falaremos muito das psicoses, mesmo sabendo que Freud naquele momento se referia especificamente à esquizofrenia ou paranoia, no entanto só apontaremos esta diferenciação quando estivermos tratando de algum mecanismo específico a esta ou aquela e, não sendo necessária esta diferenciação, utilizaremos simplesmente *psicose* ou *psicoses*.

O leitor poderá observar também a presença constante do uso da palavra *Eu*, grafada com a primeira letra na sua forma maiúscula. A idéia da existência de um Eu na obra de Freud foi sempre presente, no entanto sua apresentação enquanto um conceito, pelo que pudemos compreender, ocorreu só em 1923. No entanto, consideramos importante nos referirmos ao Eu grafado desta maneira por duas razões: primeira, diferenciar o Eu enquanto unidade de consciência ou enquanto instância psíquica, do eu (em minúsculo), enquanto pronome pessoal; e, segunda, por observar que em quase toda – senão toda – fonte primária utilizada, o Eu está transcrito desta maneira. Neste trabalho todos os textos de Freud utilizados foram publicados pela Cia. Das Letras, numa tradução direta do alemão, por Paulo César de Souza.

O tradutor nesta coleção, por diversos aspectos que não abordaremos aqui, utilizou a palavra *instinto* para se referir à *Trieb*. No entanto, nos utilizaremos da palavra *pulsão* para nos referirmos a este conceito. Os motivos desta escolha não passam no momento por questões e elaborações presentes nas discussões relativas às traduções. A opção pelo uso de *pulsão* se faz por gosto pessoal, por esta nos trazer a sugestão de algo mais primitivo, que se relaciona intrinsecamente com uma corporeidade. Nas citações diretas, manteremos o termo escolhido pelo tradutor, no caso *instinto*.

Estes pontos colocados, temos como objetivo para este trabalho realizar a compreensão do narcisismo enquanto conceito na psicanálise dentro da teorização desenvolvida por Freud em sua obra, traçando um histórico do processo de construção do conceito, chamando atenção às transformações do mesmo ao longo do desenvolvimento da metapsicologia freudiana, e apontar modificações que o narcisismo produziu em algumas teorizações. A relevância do tema se dá por se tratar o narcisismo de um termo amplamente mencionado

não apenas na psicanálise, mas na psicologia e até mesmo na linguagem comum – nas duas últimas, geralmente com uma denotação negativa, sendo importante retomá-lo em sua relevância para a psicanálise enquanto conceito que atravessa toda a metapsicologia freudiana de maneira direta ou indireta.

Como método realizaremos uma revisão bibliográfica utilizando os principais textos de Freud que promovem a construção e a evolução do conceito de narcisismo, tais como *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910), *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia* (1911), *Totem e Tabu* (1913), *Introdução ao narcisismo* (1914), *Luto e melancolia* (1916), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *O Eu e o Id* (1923).

Sendo o texto freudiano bastante denso e complexo, pretende-se tomar como possível apoio na compreensão de alguns pontos deste alguns comentadores que em algum momento se dedicaram a este tema, como Jean Laplanche, Garcia-Roza, e Oscar Miguez. A necessidade da observação desses autores se faz necessária pela malha conceitual freudiana ser dotada de enorme densidade, assim em alguns momentos precisaremos recorrer a estes autores para nos auxiliar na realização de certa *descompactação* deste material para que possamos alcançar um melhor entendimento do que o autor coloca.

## **1. A GESTAÇÃO DO CONCEITO DE NARCISISMO**

Buscaremos com este capítulo apresentar como se deu o processo de nomeação do fenômeno do narcisismo

Neste capítulo faremos um breve exame sobre a origem do termo nas primeiras descrições e teorias sobre o narcisismo na clínica psiquiátrica e sua entrada na teoria freudiana

Busca-se verificar de onde Freud tomou emprestado não apenas o termo narcisismo, mas as noções iniciais a respeito do tema

### **1.1. Elaboraões sobre o conceito na clínica psiquiátrica**

Neste capítulo faremos um breve exame sobre a origem do termo nas primeiras descrições e teorias sobre o narcisismo na clínica psiquiátrica, anteriores à sua entrada no sistema de pensamento freudiano. No que se refere à origem do termo, sua localização nos pareceu um tanto árdua: examinando

algumas fontes de referência e o principal texto de Freud a respeito do tema, observamos certo desencontro de informações. O próprio Freud se engana, fazendo uma correção em 1920 ao seu texto, e em seguida descobrimos que ele se equivoca em sua correção. Pudemos observar que esta falta de precisão ocorre em decorrência da ausência de diferenciação entre as primeiras referências ao mito de Narciso e a origem da palavra narcisismo. A maior parte das pesquisas realizadas sobre o tema teria tomado como referência outras pesquisas, e não o contato direto com os textos dos primeiros autores a mencionarem o narcisismo.

Tomamos o processo de nomeação do narcisismo, não enquanto ainda um conceito, a partir do que é exposto por Roudinesco e Plon (1998): Em 1888 o psicólogo francês Alfred Binet fez a primeira referência ao mito de Narciso dentro de uma problemática psicopatológica ao realizar uma suposição em relação a alguns objetos-fetichismo que de forma latente trariam uma relação com as próprias partes do corpo do fetichista, realizando uma descrição de fetichismo e não de narcisismo. Dez anos depois, em 1898, Haverlock Ellis, criou a expressão *Narcissus-like tendency*, para se referir a uma forma extrema de comportamento autoerótico, onde uma outra pessoa não precisa estar presente no processo de excitação e catexia da energia sexual. Ellis de forma geral é considerado o precursor do conceito por haver criado esta expressão, que daria origem ao termo narcisismo. No ano seguinte, em 1899, o médico criminologista Paul Näcke, fazendo referência às descrições de Ellis, criou o termo *narcisismo* e o caracterizou como uma perversão sexual, atribuindo-lhe um caráter patológico e o incluindo em uma nosografia.

## **1.2. Correspondências – Os andaimes do conceito na clínica psicanalítica**

A partir de correspondências trocadas entre Freud e Jung por volta de 1907, podemos descobrir os motivos que levam Freud a iniciar seu trabalho de conceituação do narcisismo que trará como consequência a elaboração do texto de 1914.

Freud passa a se interessar pelo narcisismo a partir de conversas com os primeiros psicanalistas acerca das dificuldades encontradas na clínica das psicoses, especificamente com pacientes psicóticos, e a partir destas conversas

Freud foi tentando compreender junto com seus contemporâneos como poderia incluir em sua metapsicologia os fenômenos observados nesta patologia. O termo narcisismo propriamente dito não é utilizado nestas correspondências, no entanto podemos observar esta gestação conceitual durante suas discussões com Jung na tentativa de realizar o diagnóstico diferencial entre a paranoia e a histeria. O texto de 1914 viria como uma conclusão destas discussões, após o rompimento de Freud e Jung. Dessa forma, podemos observar que as formulações freudianas sobre o narcisismo são bem anteriores à introdução do conceito em sua obra.

Jung em sua clínica com pacientes graves observou através de um teste de associação de palavras que pacientes psicóticos não realizavam associações como observadas nos casos de histeria, que reagiam de forma superficial do ponto de vista afetivo às “palavras-estímulo”, não fazendo eco através da afetividade como observado nos casos de histeria. Segundo as observações de Jung, na psicose os complexos se mantêm isolados, como se as palavras-estímulo não estivessem conectadas, fossem dificilmente acessíveis, não estando ligadas a complexos: “Não há libido objetal – dirá o senhor – mas sim autoerotismo” (JUNG, 1907, em MCGUIRE, 1993, p. 68).

Na paranoia, de acordo com estas discussões, o desejo reprimido reaparece como percepção, contra qual a repressão pode se manifestar enquanto oposição a um desejo reprimido que sofreria uma série de modificações para que pudesse retornar como percepção (alucinação). Para que isso fosse possível, este retorno como percepção, seria necessário a ocorrência de um desinvestimento libidinal: para que o desejo retorne como percepção, ele precisa ter sofrido um desinvestimento. A condição para que ocorra uma projeção é a retirada do investimento libidinal sobre a representação do objeto e, na paranoia, tal investimento retornaria para o Eu, no entanto, Freud nessa fase ainda diz que a mesma se torna autoerótica.

O Eu do paranoide é por conseguinte hipercatexizado, egoísta, megalômano. Uma contraparte do processo aqui suposto é fornecida pela histeria de angústia. A histeria se caracteriza muito comumente por um excesso de catexia objetais. É um amor objetal extremo e até mesmo encobre o período autoerótico remoto com fantasias objetais (sedução). Toma por objeto tudo aquilo que mostre a mais tênue

relação com um objeto normal, inclusive lugares, motivo pela qual a histeria se vincula a lugares (agorafobia) ou a vizinhanças da pessoa amada, nisso se opondo à instabilidade, à necessidade de viajar da demência precoce. (FREUD, 1907, em MCGUIRE, 1993, p. 75)

Como podemos observar anteriormente, até então não existe nenhuma referência ao narcisismo nesse período de troca epistolar entre Freud e Jung, no entanto, é possível tanto observar a formação da base para a entrada do conceito de narcisismo como o da existência de uma dualidade pulsional.

## **2. A elaboração do conceito dentro da clínica psicanalítica**

O termo narcisismo aparece pela primeira vez em Freud através de uma longa nota de rodapé acrescentada no ano de 1910 aos *Três ensaios da teoria da sexualidade*, de 1905, em seu estudo sobre os *invertidos* – não utilizava ainda a expressão “homossexuais”, assim como a psiquiatria de sua época – na tentativa de compreender como estes realizariam suas escolhas de objeto amoroso, ou seja, buscando compreender como se daria a gênese da homossexualidade masculina:

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou. (FREUD, 1905, p. 137)

Assim, antes de uma identificação com a figura materna, uma fixação se daria nela, a mãe seria tomada enquanto escolha objetal, mas como um objeto de identificação. Identificado com a função da mãe, o homossexual buscaria homens a amar como sua mãe o amou, revivendo dessa forma a cena central para a constituição de sua identidade sexual, só que do lugar materno.

Parece-nos interessante acrescentar que ao final de seu estudo sobre os *invertidos*, Freud admite não haver conseguido esclarecer de maneira satisfatória a etiologia da homossexualidade, mas no caminho encontrou uma importante formulação:

É verdade que nos vemos impossibilitados de esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão a partir do material apresentado até agora, mas podemos notar que nesta indagação chegamos a um conhecimento que talvez se revele mais importante para nós do que a solução da tarefa acima. Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (Freud, 1905, p. 139)

A concepção de que entre a pulsão e o objeto sexual não há nada mais que uma *soldadura* traz uma série de consequências para a psicanálise, pois aponta para a inexistência de um *objeto natural*, previamente estabelecido, da pulsão sexual: essa solda portando, seria construída e mantida – como toda identidade – às custas de importantes gastos libidinais, podendo ainda sofrer instabilidades ao longo da vida. É, entre outras coisas, pensando nesta instabilidade que Freud irá futuramente definir o objeto como o componente mais variável da pulsão.

Ainda durante sua investigação sobre a escolha de objeto nos homossexuais, o termo narcisismo aparece também em 1910, no texto *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* para dizer de uma forma de homossexualidade fundada em uma *identificação narcísica*. É interessante observar que neste estudo associa o narcisismo a um processo de identificação, de forma que a primeira teoria de Freud sobre o narcisismo, em 1914, não implica exclusivamente a noção de amar a si mesmo, mas também a idéia de se identificar com a mãe e de se amar como a mãe o ama. Dessa forma, no texto sobre Leonardo, podemos observar certa germinação do que Freud depois viria a pensar sobre o narcisismo em 1920, como será exposto adiante.

Após esse estágio preliminar ocorre uma transformação cujo mecanismo conhecemos, mas cujas forças impulsoras ainda ignoramos. O amor à mãe não pode prosseguir acompanhando o desenvolvimento consciente, sucumbe à repressão. O garoto reprime o amor à mãe pondo a si mesmo no lugar desta, identificando-se com ela e tomando sua própria pessoa como modelo, à semelhança do qual escolhe seus novos objetos amorosos. Assim torna-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiterações de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal como sua mãe o amou quando criança. Dizemos que ele encontra seu objeto amoroso pela via do *narcisismo*, pois o mito grego chama de *Narciso* um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome. (Freud, 1910, p. 167)

A interpretação da homossexualidade de Leonardo constitui um modelo de descrição de um processo de identificação por substituição de um investimento de objeto, e por introjeção de qualidades desse objeto. Tal processo que virá a ser compreendido como identificatório será retomado em “Luto e Melancolia”, através da exploração de Freud sobre o que virá a chamar de *identificação narcísica*.

O momento da tecitura do conceito de narcisismo no texto de 1910 coincide com o que já fora exposto na nota do mesmo ano, nos *Três Ensaio*s, de forma que o destaque do texto sobre Leonardo se justifica principalmente no primeiro uso do termo *narcisismo* no texto freudiano propriamente dito.

No texto “Observações psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia: O caso Schreber”, de 1911, Freud pesquisa a existência

de algum mecanismo específico na psicose, através do material clínico extraído de um delírio paranoico muito bem exposto, encontrado no relato autobiográfico de uma pessoa adoecida, publicado em 1903, *Memórias de um doente dos nervos*. Nessa busca, acaba se intrigando com as analogias que poderiam ser feitas entre os delírios produzidos por estes pacientes e o conteúdo psicosexual que observou ser reprimido nas neuroses.

Em tudo isso, nada caracteriza apenas o quadro clínico da paranoia, não há nada que não pudéssemos achar em outros casos de neurose que neles não tenhamos realmente achado. (Freud, 1911, p. 78)

Nos textos freudianos anteriores – Três ensaios e o estudo sobre Leonardo – podemos observar que o narcisismo aparece de forma bastante pontual, já no estudo sobre a construção autobiográfica de Schereber, o narcisismo ocupa um lugar crucial, conforme exposto na terceira parte do estudo. Dessa maneira, podemos observar que o narcisismo surge em meio a duas importantes investigações: a paranoia como defesa contra o desejo homossexual e o delírio de grandeza – e de fim de mundo, contraparte necessária do mesmo delírio.

Neste texto Freud chega à conclusão de que o núcleo psicopatológico da paranoia se constitui numa forma de defesa contra desejos de fundo homossexual que não se conseguiu manter completamente no inconsciente. Dessa maneira, não é a fantasia de desejo homossexual que caracteriza a paranoia: “Diríamos que o caráter paranoico está em que, para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual, reage-se precisamente com um delírio persecutório de tal espécie” (Freud, 1911, p. 79), mas da maneira como o indivíduo reage a esta fantasia que nos diria de um funcionamento mental adoecido ou não.

Também formula a hipótese de que a homossexualidade se situa em uma fase do desenvolvimento psicosexual natural, chamada de *fase narcísica*, intermediária entre o autoerotismo e o amor objeto.

Pesquisas recentes chamaram nossa atenção para um estágio, no desenvolvimento da libido, pelo qual se passa no caminho do autoerotismo ao amor objetal. Ele foi chamado de *Narzissismus*; eu prefiro o termo *Narzißmus*, talvez menos correto, porém mais curto e que soa melhor. Ele consiste no fato de o indivíduo em desenvolvimento, que unificou seus instintos sexuais que agem de forma autoerótica, a fim de obter um objeto de amor, primeiramente toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto. Uma tal fase mediadora entre autoerotismo e escolha objetal talvez seja imprescindível normalmente; parece que muitas pessoas ficam nelas retidas por um tempo insolitamente longo, que que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. (Freud, 1911, p. 80)

Nessa fase do desenvolvimento psicosexual, Freud compreende que o indivíduo reúne suas pulsões sexuais até então investidas de forma fragmentada, autoerótica, no próprio Eu, com o objetivo de conquistar um objeto de amor, tomando a si mesmo, seu próprio corpo como objeto sexual, antes de passar à escolha de um outro objeto. O narcisismo, a partir de então, aparece como uma fase intermediária substancial entre o autoerotismo e a escolha de objeto, sendo que a permanência neste estágio traz consequências para a estruturação psíquica e para as condições em que o amor possa se efetuar. Ocorre uma consolidação do narcisismo como estágio intermediário entre autoerotismo e a capacidade de investimento libidinal em objetos exteriores ao Eu. A *fase narcísica* do desenvolvimento infantil pode, segundo Freud, vir a se tornar um ponto de fixação, de predisposição em alguns casos, tornando o sujeito mais sensível e disposto ao desenvolvimento da paranoia.

Pessoas que não se desprenderam inteiramente do estágio do narcisismo, ou seja, que têm ali uma fixação que pode atuar como predisposição à doença, acham-se expostas ao perigo de que um grande fluxo de libido, não encontrando escoamento, submeta os seus instintos sociais à sexualização, fazendo assim recuar as sublimações conquistadas no curso do desenvolvimento. (Freud, 1911, p. 82)

O delírio de fim de mundo pode ser compreendido como operando no mesmo registro que o delírio de grandeza, pois o paranoico sacrificaria o mundo para manter intacto o Eu, e nessa condição essa formulação é levada ao extremo, sendo o mundo de tal maneira desinvestido de libido que ele pode deixar de existir:

O doente retirou das pessoas de seu ambiente e do mundo exterior o investimento libidinal que até então lhes dirigia; com isso, tudo para ele tornou-se indiferente e sem relação, e tem de ser explicado, numa racionalização secundária, como 'produzido por milagre, feito às pressas. (Freud, 1911, p. 93)

Esse desinvestimento do mundo através de uma libido que retorna ao Eu – que posteriormente Freud chamou de *narcisismo secundário* – não tem como consequência um enriquecimento do mesmo, como pode parecer ao olhar desatento em relação ao delírio de grandeza, mas na verdade daria notícias de uma *catástrofe interior*, que Schereber chamou de *assassinato de alma*.

Disso inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e dizemos que o *recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia. (Freud, 1911, p. 96)

Consideramos importante mencionar a inovação freudiana que postula a formação delirante como uma tentativa de cura – malograda sim, mas uma tentativa - na paranoia, e não um sinal direto da doença mental, como compreendido no senso comum e pela psiquiatria. O que segundo Freud deveria ser compreendido como patológico é o desinvestimento no mundo, esta catástrofe interior vivida pelo sujeito através do narcisismo secundário, e não propriamente o delírio. Trata-se em nosso entendimento, a citação a seguir, uma das mais sensíveis e belas construções presentes na obra freudiana:

E o paranoico o reconstrói [o mundo], não mais esplêndido, é certo, mas ao menos de forma a nele poder viver. Ele o constrói mediante o trabalho do delírio. *O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução.*" (Freud, 1911, p. 94)

O artigo *Totem e Tabu* (1913) é composto por quatro capítulos: O horror ao incesto; O tabu e a ambivalência dos sentimentos; Animismo, magia e onipotência dos pensamentos e O retorno do totemismo na infância. Em todos os textos Freud parece buscar as raízes do funcionamento mental humano a

partir da exploração na forma como o homem primitivo lidava com os fenômenos naturais com que se defrontava.

No capítulo III, mais interessante à temática do narcisismo, Freud desenvolve uma visão psicanalítica da natureza humana, trazendo uma reflexão sobre o *animismo, a magia e a onipotência dos pensamentos*, que são as duas noções com que o narcisismo se relaciona, utilizando pesquisas de antropólogos e etnólogos como principal apoio. Utilizando como apoio estudos de antropólogos e etnólogos, Freud postula que o princípio que rege a magia – ou seja, a técnica presente no animismo – é o da *onipotência dos pensamentos*.

Define como animismo a doutrina das almas e dos espíritos em geral e coloca o animismo primitivo como sendo a “*expressão espiritual do estado natural do homem*” (p. 124), uma teoria psicológica desenvolvida pelos povos primitivos, que imaginavam o mundo repleto de seres espirituais bem ou mal intencionados em relação a eles, acreditando que os mesmos eram os responsáveis pelos fenômenos da natureza com que o homem se confrontava, em um sistema de pensamento que permitia a eles uma compreensão do mundo de forma mais unitária e onde o homem podia através da magia submeter os processos naturais à sua vontade, protegendo-o de perigos. Essa magia teria como seu princípio diretor a *supervalorização dos pensamentos*: tomou esse termo para pensar o animismo a partir de sua experiência com um paciente neurótico – caso do *Homem dos Ratos* (1909), que explicava seus acontecimentos mentais particulares a partir da impressão de que seus pensamentos funcionavam como evocações mágicas que tinham como consequências em interferências na realidade. *Trata-se a onipotência dos pensamentos da superestimação processos psíquicos em relação à realidade* (p. 138), ofuscando-a com projeções não só de conteúdos conscientes, mas de qualquer estado ou conflito inconsciente.

Podemos agora ligar ao narcisismo, a apreender como parte essencial deste, a elevada estima – a superestimação, de nosso ponto de vista – que primitivos neuróticos atribuem aos atos psíquicos. Diríamos que nos primitivos o pensar ainda é, em grande medida, sexualizado, daí se originando a fé na onipotência dos pensamentos, a inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e a impermeabilidade

às simples experiências que poderiam instruir o homem sobre seu verdadeiro lugar no mundo.” (Freud, 1913, p. 141)

Ainda no capítulo III, através de sua investigação, Freud observa que os caminhos da libido no desenvolvimento psicosexual, as manifestações dos instintos sexuais são observáveis desde o início da vida, no entanto não se dirigem desde sempre a uma exterioridade. Retoma o conceito presente nos *Três Ensaios* (1905) de *autoerotismo*, que incorreria no estágio de *escolha de objeto*, mas passa a observar a possibilidade de incluir um terceiro estágio entre estes dois, ou ainda, de decompor o autoerotismo em duas fases, em que passaria a fazer parte dele o *narcisismo*. Essa sobrestimação do poder que um indivíduo atribui ao seu próprio pensamento é, segundo Freud, elemento essencial do narcisismo, agora já sendo compreendido como uma fase onde os investimentos libidinais já encontram um objeto, e sendo este o próprio Eu do indivíduo.

Desse modo Freud considera que a onipotência dos pensamentos nos povos primitivos corresponderia a uma fase precoce do desenvolvimento libidinal a que o sujeito chegou, seja por uma regressão ou fixação patológica.

O prosseguimento do estudo mostrou ser pertinente, e mesmo indispensável, incluir um terceiro estágio entre esses dois, ou, se preferirmos, decompor em dois o estágio do autoerotismo. Nesse estágio intermediário, cuja relevância cada vez mais se impõe ao pesquisador, os instintos sexuais antes separados já se juntaram numa unidade e encontram um objeto; mas esse objeto não é externo, alheio ao indivíduo, e sim o próprio Eu, já constituído por esse tempo. Considerando as fixações patológicas desse estado, observadas mais tarde, nós o denominamos *narcisismo*. A pessoa se comporta como se estivesse enamorada de si mesma; os instintos do Eu e os desejos libidinais ainda não são separados por nossa análise. (Freud, 1913, p. 140)

Retomando a concepção do narcisismo como estágio intermediário que unifica a pluralidade pulsional, Freud retoma a idéia já postulada no *Caso Schreber* da existência de um Eu constituído que vem a se tornar objeto da libido sexual proveniente deste Eu.

Embora ainda não nos seja possível uma caracterização suficientemente precisa desse estágio narcísico, no qual os instintos sexuais até então dissociados se agregam numa unidade e tomam [investem] o Eu como objeto, já suspeitamos que a organização narcísica jamais será abandonada inteiramente. O ser humano continua narcísico em certa medida, mesmo depois de encontrar objetos externos para sua libido; os investimentos objetais que ele realiza são como que emanações da libido que permanece no Eu, e podem ser novamente levados para ela. Os estados de enamoramento, psicologicamente tão notáveis, e que são os modelos normais das psicoses, correspondem ao mais alto grau dessas emanações, comparado ao nível do amor ao Eu. (Freud, 1913, p. 141)

Dessa maneira, Freud promove o narcisismo a uma fase do desenvolvimento psíquico, apontando que este jamais é abandonado completamente, bem como a movimentação libidinal que ocorre entre o Eu e seus objetos de amor. Coloca os momentos de enamoramento como correspondentes ao ápice de investimento do Eu sobre objetos externos e a psicose como o retorno deste sobre o Eu.

No que se refere ao nosso tema, as explorações presentes no texto de Totem e Tabu traz algo além das reafirmações sobre os caminhos da libido na aparelhagem psíquica, mas também sobre a origem da cultura, que teria sua formação ocorrendo de maneira análoga à do Eu, ou seja, através da unificação de uma pluralidade dispersiva e tomando o próprio Eu como objeto de investimento.

Assim, podemos concluir esta primeira parte do trabalho compreendendo que a entrada do narcisismo na teoria freudiana ocorreu através da investigação da gênese da homossexualidade, da paranoia e do animismo, evidenciando uma importante característica desse conceito, que é o fato de o narcisismo poder adquirir diversas formas, com diferentes versões de si mesmo, conservando uma abertura que faz com que sua definição dependa essencialmente ao que e com o que se articula, podendo ser evocado em diferentes campos de análise e relacionar-se com outros conceitos. O conceito de narcisismo – bem como qualquer outro conceito psicanalítico – não deve ser apreendido de forma fechada, pretendendo dar conta de forma totalitária de alguma questão, pois faz parte da apreensão do conceito de narcisismo pela psicanálise seu

entendimento como sendo dependente de suas relações objetais, não sendo adequado pensa-lo de forma narcísica, bastando-se em si mesma.

### **3. A INTRODUÇÃO FORMAL DO NARCISISMO NA TEORIA FREUDIANA**

No texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914, Freud introduz o narcisismo enquanto *conceito* dentro de sua metapsicologia através da elaboração de uma resposta aos seus desentendimentos com Jung, onde pretende reafirmar a natureza sexual da libido. No entanto, indo além, examinou algumas importantes questões que este conceito coloca para o conjunto da teoria psicanalítica, bem como a partir dele realizou importantíssimas transformações em sua teoria, como é o caso da elaboração de sua *segunda teoria pulsional*, provocada a partir deste texto e postulada a partir dos anos 20.

O texto de 1914 se inicia com Freud na busca da conceituação de narcisismo dentro da clínica psiquiátrica. Nela, o narcisismo é compreendido como uma conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se esse fosse um objeto sexual, obtendo através deste comportamento uma satisfação

completa, sendo considerada uma *perversão sexual*. Freud se utiliza de três motivos para recusar esta idéia: O primeiro é que seria possível notar uma série de condutas narcisistas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios, como por exemplo, no *homossexualismo*. O segundo vem de uma especulação teórica, que compreende o narcisismo como uma atitude que faria parte da constituição psíquica normal, do desenvolvimento psicosexual humano. O terceiro motivo viria da clínica psicanalítica, especificadamente de dificuldades no manejo com alguns pacientes neuróticos, pois a libido se colocava como um limite de suscetibilidade do paciente à influência do analista, à transferência.

Chamou atenção da pesquisa psicanalítica o fato de características isoladas da conduta narcisista serem encontradas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios, como os homossexuais, segundo Sadger, e por fim reapareceu a conjectura de uma alocação da libido que denominamos narcisismo poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano. À mesma conjectura chegou-se a partir das dificuldades da psicanálise com neuróticos, pois era como se tal comportamento narcísico fosse um dos limites de sua suscetibilidade à influência. Nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal ao egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo. (Freud, 1914, p. 14)

Com este posicionamento ainda na abertura de seu trabalho, Freud retira o estatuto de patologia do narcisismo, não servindo o conceito para fazer parte da descrição de qualquer quadro clínico específico, pois ele está ligado a um conjunto de fenômenos de grande abrangência.

Freud buscou na clínica psiquiátrica, em particular da experiência de outros psicanalistas com a clínica das psicoses, os elementos necessários para tentar pensar o narcisismo de forma articulada à sua *teoria da libido*. Compreendendo as características fundamentais das psicoses a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo, sendo esta última responsável pelo comprometimento da possibilidade de análise e cura na psicose através da psicanálise, Freud realizou uma diferenciação entre o abandono da relação com a realidade, com o mundo externo tanto nas neuroses como nas psicoses: Na primeira não haveria uma suspensão total da relação erótica com as pessoas e as coisas, mas a substituição de objetos reais por objetos imaginários, ou ainda, a representação psíquica de tais objetos, da ordem da fantasia, chamando esse

movimento de *introversão da libido*, podendo este termo, segundo Freud, ser utilizado apenas nestas situações. Nas psicoses, o afastamento do mundo não seria substituído pelo investimento na fantasia. O delírio presente na psicose seria uma tentativa de cura, de tentar devolver a libido ao mundo. Assim, Freud se opõe ao uso do termo *introversão da libido* nos casos de psicoses, contrariando a ideia de Jung, que apesar de apontar que na psicose ocorreria uma interiorização da libido, não especifica que interioridade seria essa, (trata-se do Eu ou trata-se da fantasia?) conforme muito bem explicado por Garcia-Roza (1995), Jung não realiza a diferenciação dessas interioridades.

Mas o afastamento do parafrênico face ao mundo externo pede uma caracterização mais precisa. Também o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que de maneira nenhuma suspendem a relação erótica com as pessoas e as coisas. Ainda a mantêm na fantasia, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos. Apenas a esse estado da libido se deveria aplicar o termo usado por Jung sem distinção: o de *introversão da libido*. Sucede de outro modo com o parafrênico [psicótico]. Este parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto. (FREUD, 1914, p. 15)

A partir desta constatação, de que a libido retirada dos objetos não refluiria para objetos da fantasia, conforme observado nas neuroses, Freud traz como nova questão o destino dessa libido. Afinal, se ela foi retirada do mundo externo, precisaria ir pra algum lugar – respeitando o já postulado aspecto econômico do aparelho psíquico – e encontra na observação da megalomania presente nas psicoses o destino dessa libido: seria o próprio Eu.

A megalomania própria desses estados aponta-nos aqui o caminho. Ela se originou provavelmente à custa da libido objetal. A libido retirada do mundo exterior foi dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta chamada narcisismo. (Freud, 1914, p. 16)

Nesta perspectiva, observamos neste ponto que Freud constrói as bases para a distinção entre neurose e psicose, conseguindo realizar seu diagnóstico diferencial através do narcisismo, destacando o este como um retorno da libido ao Eu sem a mediação da fantasia. Neste contexto passa a surgir uma necessidade de também realizar uma diferenciação entre dois narcisismos, pois não sendo possível o estado de grandeza megalomaniaco aparecer “do nada”, compreende-se que ele é uma extensão de um estado que já existiu anteriormente, que Freud nomeia de *narcisismo primário*. O narcisismo primário já se faria presente durante o processo de constituição psíquica, faria parte do desenvolvimento psicosexual comum. Chamou de narcisismo secundário o retorno para o eu da libido retirada dos objetos. O que caracteriza o narcisismo secundário é o fato de ele ser necessariamente um retorno.

[...] a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetivos como secundário, edificado sobre um narcisismo primário que foi obscurecido por influências várias. (Freud, 1914, p. 16)

Neste texto Freud também retoma sua compreensão do narcisismo feita em *Totem e Tabu*, que toma como fator para a observação indireta do narcisismo primário, a onipotência de pensamentos das crianças e nos pensamentos mágicos e megalomaniacos dos povos primitivos: ambas as situações revelariam um investimento de libido no Eu.

Um terceiro elemento que concorre para essa extensão – legítima, ao que me parece – da teoria da libido vem de nossas observações da vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Encontramos neles traços que isoladamente, podem ser atribuídos a megalomania uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’, uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a ‘magia’, que aparece como aplicação coerente dessas grandiosas premissas. Esperamos encontrar uma atitude análoga face ao mundo externo nas crianças de nossa época, cujo desenvolvimento é para nós mais impenetrável.” (Freud, 1914, p.16)

Na visão de mundo animista, temos um investimento libidinal no Eu, que Freud postula de originário, o que nos direciona a pensar a existência (ou

retomar a ideia de existência) de um narcisismo primário, *constitutivo*. Diferente do que ocorre nas psicoses, o retorno de uma libido para o Eu sem mediação da fantasia, caracterizado pelo narcisismo secundário. Posteriormente a este investimento original no Eu ocorrido a partir do narcisismo primário, Freud coloca que uma parte destes investimentos será cedido aos objetos externos, no entanto acrescenta que esse investimento no Eu persiste durante toda a vida.

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam. (Freud, 1914, p. 17)

Podemos a partir daqui observar como fazendo parte da trama conceitual do narcisismo uma oposição, entre libido do Eu e libido do objeto. Freud estabelece um balanço entre as duas direções de investimento, numa espécie de princípio de conservação de energia libidinal, afirmando que, quando quanto mais uma se enriquece, proporcionalmente a outra se torna empobrecida, como uma balança de pesos, no entanto, as consequências deste funcionamento não são tão simples. A partir disso Freud concebe a libido como uma energia psíquica limitada que é distribuída entre o Eu e o objeto, sendo impossível o investimento nas duas de forma plena e coexistente, no entanto, nunca ocorrendo um desinvestimento total do objeto ou do Eu, ambos nunca são completamente investidos ou abandonados.

Enxergamos também, em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido do objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento, ele nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim de mundo dos paranoicos. Por fim, concluímos, quanto à diferenciação das energias psíquicas, que inicialmente estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu. (Freud, 1914, p. 17)

Dessa maneira, observamos na primeira parte do texto de *Introdução ao narcisismo* a formulação de três importantes dualidades: neurose e psicose, narcisismo primário e secundário, libido do Eu e libido do objeto. Em relação a

esta última, Freud mostra se tratar da mesma fonte que abasteceria os dois pólos, não havendo mais distinção da natureza da energia, tratando-se da mesma libido sexual. Ao reafirmar a natureza sexual da libido, Freud prossegue discordando de Jung, a quem critica por haver esvaziado o conceito de libido de sua substância, transformando-o em um simples interesse psíquico geral.

Freud a partir deste ponto dá início a um período de transição de toda a sua teoria, sendo obrigado a realizar uma primeira reformulação em sua teoria das pulsões, fazendo desaparecer a diferenciação entre *pulsões do Eu* e *pulsões sexuais*, conforme postulada nos *Três Ensaio*s (1905), sendo o Eu a partir de então definido como um *grande reservatório de libido*. Passa a desaparecer o lugar do *não sexual* da teoria freudiana, que retornará só a partir de 1920, já na segunda tópica, com a elaboração do conceito de *pulsão de morte*.

Levando em consideração essa problemática que traz o narcisismo, agora colocado como conceito, Freud formula uma importante questão: que relação existiria entre o narcisismo e o autoerotismo? A resposta a esta questão também traz uma série de consequências para a metapsicologia freudiana:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (Freud, 1914, p. 18)

Neste ponto nos confrontamos com uma dificuldade na compreensão da questão colocada por Freud, no caso, de que nova ação psíquica seria esta para que seja formado o narcisismo. A partir da pesquisa realizada de alguns comentadores que se propõem a compreender este processo de conceituação de narcisismo, como é o caso de Miguez (2007) e Garcia-Roza (1995), ficou compreendido que esta *nova ação psíquica* que deve ser acrescentada ao autoerotismo para formar o narcisismo é o Eu, objeto do investimento libidinal inexistente no início da vida. Assim, o narcisismo primário, infantil, é estabelecido como contemporâneo à formação do Eu enquanto unidade: “O narcisismo é

condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu.” (Garcia-Roza, 1995, p. 37).

Embora seja o exame das psicoses a principal via de acesso para o estudo psicanalítico dos fenômenos narcísicos, pois evidenciam a possibilidade que a libido possui de reinvestir o Eu através do desinvestimento de objetos, Freud afirma também ser possível abordar tais fenômenos através da doença orgânica, da hipocondria e da vida amorosa. A forma como Freud conduz este estudo é bastante coerente a um princípio que lhe é bastante característico, onde pelo viés do patológico explora e compreende a normalidade. É através dos exageros e distorções das excentricidades humanas que se pode entender o que se encontra escondido e amenizado na normalidade, pela exceção se compreende o comum. Através da análise destas três vias investigadas por Freud nesta parte do texto, nas quais o narcisismo se apresenta de forma excessiva, que podemos ter alguma fonte de observação do narcisismo no cotidiano.

No caso da doença orgânica, Freud investiga como a dor provoca uma mudança na distribuição da libido, pois o indivíduo que sofre retiraria seu interesse pelo mundo externo, assim como o investimento libidinal dos objetos de amor. Compreende que o narcisismo secundário – que é este retorno dos investimentos libidinais ao eu – está na base da mudança libidinal da doença orgânica, da dor daquele que sofre, que retira os investimentos libidinais do mundo e os recolhe ao Eu, e só depois de curado consegue voltar a investir em seus objetos. Sem colocar como um item a ser explorado, mas, como compreendemos, possuindo a mesma lógica narcísica da doença orgânica, Freud traz o momento do sono como também uma das formas de acesso ao narcisismo, pois se trataria de uma das formas de retirar a libido do mundo que se evidencia cotidianamente no estado de dormir:

De modo semelhante à doença, o estado do sono também significa uma retração narcísica das posições da libido para a própria pessoa, mais precisamente para o desejo de dormir. O egoísmo dos sonhos se enquadra bem nesse contexto. Em ambos os casos vemos, ainda que seja apenas isso, exemplos mudanças na distribuição da libido graças á mudança no Eu. (Freud, 1914, p. 26)

A hipocondria é o segundo modo de acesso ao narcisismo enumerado por Freud na segunda parte de seu texto. É compreendida como uma erogenização incomum de algum órgão, sendo o excesso de investimento nesse órgão específico – que assume a função de um órgão genital – que o torna um local de desprazer/prazer. Dessa maneira, a hipocondria é colocada como fazendo parte do grupo de fenômenos em que encontramos uma mesma mudança na distribuição da libido, a que antes investia objetos passa a investir ou partes do próprio corpo, ou estados (como o de dormir), se tratando portanto de *retraimentos narcísicos*.

Seguindo a curso do texto de 1914, Freud inverte seu campo de investigação, numa ruptura, deixa de pesquisar o caminho de retorno da libido objetal ao Eu, mas passa a se questionar como a libido do eu chega a se dirigir aos objetos: “de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos?” (Freud, 1914, p. 29).

Freud responde, dizendo que a libido do eu passa a investir objetos do mundo externo quando há a superação de certa medida de investimento do Eu, ultrapassando-o. Este excesso de investimento do Eu, quando não dirigido aos objetos, torna-se um montante de energia despreendida. O Eu excessivamente investido seria uma importante fonte de desprazer, em função de uma grande carga de libido concentrada no Eu. Como o órgão na hipocondria, excita-se. Haveria então, dois movimentos de fluxo libidinal, o *narcisismo secundário*, que se inicia com a libido objetal retornando ao Eu, e o *investimento objetal*, que começa com o Eu excessivamente investido, que gera uma demanda a ser dirigida ao objeto, ou seja, o objeto só pode ser investido num momento posterior ao investimento no Eu, que ultrapassou seu limite enquanto *reservatório*. A *introversão* é a volta dessa libido que excedeu o Eu que passa a ser investida em um objeto irreal, fantasmático (como ocorre nas neuroses) que tem como consequência um represamento, uma *estase libidinal*. Já no *narcisismo secundário*, a libido liberada por algum motivo do objeto (como por exemplo em função de uma frustração), não é absorvida pela fantasia, mas pelo Eu.

A diferença entre tais afecções [psicoses] e as neuroses de transferência eu atribuo a circunstâncias de que a libido liberada pelo fracasso não fica em objetos na fantasia, mas retorna ao Eu; a megalomania corresponde, então, ao domínio psíquico sobre esse montante de libido, ou seja, à introversão para as fantasias encontrada nas neuroses de transferência; do fracasso desta realização psíquica nasce a hipocondria da parafrenia, análoga à angústia das neuroses de transferência. (Freud, 1914, p. 30)

Através desta aproximação, Freud introduz uma nova noção, a de *estase da libido*, consecutiva a sua *introversão* durante a regressão patológica e que estaria na origem do delírio do órgão que ocorre na hipocondria e no delírio de grandeza na psicose. Assim, Freud acrescenta uma dimensão econômica à natureza do narcisismo, diferente do narcisismo como uma fase evolutiva do desenvolvimento psíquico presente no estudo sobre Schreber, mas como um momento de represamento da libido que nenhum objeto permitirá ultrapassar completamente.

Na medicina ocidental o termo *estase* se refere a um estado no qual um fluxo considerado normal de um líquido corporal é interrompido. Em Psicanálise, trata-se de uma situação econômica onde a libido que deixa de encontrar caminhos para sua descarga acumula-se sobre formações intrapsíquicas, encontrando vazão para esta insuportável acumulação de libido na constituição de sintomas (Laplanche e Pontalis, 1992).

A terceira via de acesso que Freud propõe ao estudo do narcisismo se refere à vida amorosa dos seres humanos, que traz diversos exemplos de investimentos libidinais fundados no narcisismo quando tomamos em consideração sua variada diferenciação no homem e na mulher, evidenciando o modo particular com que estes elegem seus objetos de amor.

As pulsões sexuais apoiam-se de início na satisfação das pulsões do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes delas; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais, ou seja, a mãe ou quem a substitui” (Freud, 1914, p. 32)

Freud postula duas formas possíveis de escolha objetal, a *escolha de objeto por apoio* e a *escolha narcísica de objeto*, podendo ainda haver

ramificações entre elas. Na escolha de objeto por apoio, o investimento libidinal ocorre sobre as primeiras escolhas de objeto realizadas na infância, correlatas às figuras que exerceram papel para a sobrevivência da criança, relacionadas à sua proteção e alimentação; na *escolha narcísica de objeto*, que até então seria característica dos homossexuais e dos perversos, esta escolha não ocorreria a partir do modelo de suas mães (ou de quem lhe tenha dispensado os primeiros cuidados) mas de sua própria pessoa enquanto objeto de amor. Relativizando seu pensamento, observa que esta maneira narcísica de escolha de objeto amoroso é bastante comum nas mentes consideradas “normais”, e passa a realizar um retrato das diversas maneiras de investimento de objeto observadas nos homens e nas mulheres. O pleno amor de objeto no caso da escolha de objeto por apoio seria característico do homem, que superestimando a mulher amada constituiria uma *obsessão neurótica* que causa um *“empobrecimento libidinal do eu favor do objeto”* (Freud, 1914, p. 33).

No que se refere a escolha de objeto na mulher, pensa que muitas fundamentam suas relações no modelo da escolha de objeto narcísico. A mulher exerceria um encanto de ordem narcísica, pois *“sua necessidade não reside tanto em amar, mas em serem amadas”* (p.34).

Constantemente nas investigações freudianas, encontramos certo resgate de dinâmicas psíquicas renunciadas, ou seja, o psiquismo não seria capaz de sepultar definitivamente nada que uma vez se edificou, cabendo a nós o tempo todo questionarmos como algo que um dia foi vigente, de alguma maneira sobrevive e insiste em se fazer presente. Assim, Freud na segunda parte do texto de 1914 realiza investigações sobre como um funcionamento de investimento objetual retorna a uma maneira de funcionar narcísico. Atento a este retorno, a essa revivescência de um modo de funcionamento não mais presente, reflete em relação ao narcisismo primário, que por estarmos impossibilitados de acessá-lo diretamente, podemos apenas supô-lo a partir das análises das diferentes formas de tentar resgatá-lo, ou seja, por meio do narcisismo secundário. O narcisismo primário, para ser estudado, precisa ser reconstruído a partir de pistas deixadas pelo narcisismo secundário.

Dessa maneira, Freud também evoca o narcisismo primário da criança, que se deixa seduzir pela atitude dos pais em lhe superestimar, lhe atribuir todas as perfeições de desejarem-lhe uma vida melhor, “*sua majestade, o bebê*”, trata-se do amor conforme o tipo narcísico, onde os pais amam aquilo que um dia foi parte deles.

Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. Mas também se verifica a tendência de suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida.” (Freud, 1914, p. 36)

Assim, o nascimento de uma criança seria uma oportunidade de resgate de desejos abandonados, o narcisismo dos pais é revivido, tudo aquilo que ao longo da vida foram obrigados a reconhecer como signos de castração são colocados em suspensão, como se o mundo deixasse de existir por um período que seja, em face deste novo ser. Na ocasião do nascimento de uma criança, haveria na verdade dois nascimentos: o do bebê propriamente dito, referido por Lacan como um “bife com olhos” – chamando nossa atenção para a existência de um organismo e não um sujeito – e um renascimento do narcisismo dos pais, que irá marcar o bebê, investido narcisicamente por eles como uma parte não castrada dos mesmos, e é esta forma de investimento, com tudo que dela acarreta, que cria de fato uma espécie de majestade dentro de casa. Dessa forma podemos pensar que o narcisismo primário, infantil, é aquele em que não incide qualquer castração, por outro lado, o narcisismo secundário se trataria de um movimento de reconfiguração psíquica ocorrida após o contato com a castração, com a perda. “*Sua Majestade, o Bebê*” serve para Freud apontar o lugar onde os pais colocam a criança, situando uma parte de si mesmos acima das interdições da cultura, um depositário do narcisismo renunciado dos pais que está a salvo das figuras de castração.

No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (Freud, 1914, p. 37)

Com seu pensamento ainda direcionado à relação da revivescência do narcisismo dos pais sobre a criança pequena, Freud teceu algumas questões acerca das *perturbações do narcisismo primário*, com suas rupturas e reações psíquicas, apontando um novo caminho para sua investigação sobre o tema do narcisismo, realizando a partir deste ponto uma relação entre os conceitos de narcisismo e de castração:

A sua parte mais significativa podemos destacar como 'complexo de castração' (angústia relativa ao pênis, no garoto, inveja do pênis, na garota) e trata-la em conexão com o efeito da intimidação sexual exercida sobre a criança. (Freud, 1914, p. 37)

Devemos compreender que narcisismo e castração são postulados por Freud como conceitos dependentes, pois o complexo de castração trata-se de uma incidência sobre a integridade de um corpo narcisicamente unificado. Retomando sua crítica a Adler e sua idéia de protesto masculino (que não exploraremos aqui), foi proposta a existência de perturbações do narcisismo primário, se fazendo presente em todas elas o complexo de castração e suas consequentes *repressões*.

Na terceira parte do texto *Introdução ao Narcisismo*, Freud estava quase que inteiramente voltado à busca pela resposta do que haveria ocorrido com o narcisismo primário da criança depois que se deparou com esta castração providas das frustrações do mundo exterior. Qual seria o destino da libido do Eu e quais seriam os possíveis destinos do narcisismo primário?

A observação do adulto normal revela que a sua megalomania de outrora arrefeceu e que se apagaram os traços psíquicos a partir dos quais desvelamos o seu narcisismo infantil. O que aconteceu à sua libido do Eu? Devemos supor que todo o seu montante passou para investimentos de objeto? Essa possibilidade contradiz evidentemente o veio de nossas discussões; mas podemos tomar à psicologia da repressão também uma pista para outra resposta à pergunta." (Freud, 1914, p. 39)

Sabendo que a libido objetal, como as pulsões sexuais, é passível de repressão, teria a libido do Eu o mesmo destino? Não respondendo diretamente esta questão, a elaboração freudiana realizou o enlace de três importantes conceitos: o Eu, a repressão e o ideal.

Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar vem do autorrespeito do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão. (Freud, 1914,p. 39)

Dentro desta lógica, Freud respondeu à questão de como se daria o processo de repressão geral: a instância do ideal do Eu seria responsável pelo *autorrespeito* do Eu e pela repressão. Surgem as expressões *ideal do Eu* e *Eu ideal* no texto freudiano:

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (Freud, 1914, p.40)

Encontramos neste complexo parágrafo o princípio conservador da aparelhagem psíquica, a incapacidade de renunciar às satisfações uma vez já desfrutadas, provindas do narcisismo primário, no qual o Eu era o seu próprio ideal. A partir de perturbações durante seu desenvolvimento, que compreendemos aqui como sendo originadas do complexo de castração, surge o ideal do Eu como forma de tentar readquirir a satisfação primeva, o paraíso perdido do narcisismo primário, em que o Eu, fechado de maneira monista, não

sofria abalos emitidos pela exterioridade, num estado de inexcitabilidade. Assim, a resposta para as questões acerca dos destinos da libido do Eu e do narcisismo primário estão na formação dos ideais. A libido do Eu, incapaz de renunciar à satisfação uma vez desfrutada, desloca-se para os ideais. Trata-se, portanto, o Eu ideal ter a si mesmo como o ideal, sendo uma situação que encontra seu protótipo no narcisismo primário, enquanto que o ideal do Eu, fantasisticamente, toma algo supostamente provindo da exterioridade para regular o Eu e revela através desta atitude o anseio de retorno a um tempo de fusionamento do Eu com seu ideal.

A formação do ideal com que o indivíduo sempre mede suas ações e pensamentos produz o aumento das exigências em relação ao Eu, e assim Freud passou a presumir a existência de uma nova instância intrapsíquica que será responsável pela “consciência moral” que identificou várias vezes na origem das repressões observadas em sua clínica.

Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal. (Freud, 1914, p. 41).

Aqui encerramos nossa exposição dos principais pontos levantados sobre a conceituação do narcisismo que ocorreu no texto de 1914, *Introdução ao narcisismo*. No entanto, o conceito continua a sofrer novos desdobramentos através da obra freudiana, na medida em que é articulado a outros conceitos e movimentações psíquicas e principalmente a um novo modelo de aparelho psíquico, conforme colocado já a partir da postulação da *segunda tópica*.

#### 4. O NARCISISMO APÓS 1914

Consideramos importante aqui retomar um ponto e acrescentar algumas elaborações de Freud sobre o psiquismo ocorridas no período que se seguiu ao texto formal de 1914. Durante suas elaborações sobre o narcisismo foi tomando cada vez mais espaço em sua teoria a necessidade de pensar as identificações por perceber que elas se fazem presentes no processo e constituição psíquica. Na verdade, esta compreensão apareceu bem anteriormente, no texto sobre Leonardo da Vinci, quando ao interpretar sua homossexualidade entende que esta se constitui a partir de um modelo de descrição de um processo de identificação por substituição de um investimento de objeto (no caso, a mãe), e por introjeção de qualidades desse objeto (identificação).

O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor.” (Freud, 1910, p. 106)

Esse processo identificatório é retomado no texto *Luto e Melancolia*, de 1917, onde Freud recupera e se aprofunda no que chamou de *identificação narcísica* ao buscar realizar uma diferenciação entre o luto normal e o luto patológico, chamado de *melancolia*.

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e considerável diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição (Freud, 1917, p. 172).

A partir da observação destas características, algumas diferentes do estado de luto, e principalmente à disposição de que o doente melancólico possui de tecer contra si próprio ofensas e recriminações, Freud as compreende como sendo consequências de uma perda do melancólico em relação ao próprio Eu, que passa a se apresentar de maneira muito empobrecida. Observa que, ao ouvir as diversas autoacusações destes pacientes, dificilmente elas coincidem com os traços de caráter do próprio indivíduo, dando a Freud a impressão de se referirem na realidade, a uma outra pessoa, “que o doente ama, amou, ou deveria amar” (p. 179). Assim, o autor compreende ser a chave de compreensão para o quadro clínico da melancolia o entendimento de que as recriminações a si mesmo colocadas por ele na verdade se destinam a um objeto amoroso que fora então incorporado ao próprio Eu.

Havia uma escolha de objeto, uma ligação da libido certa pessoa; por influência de uma *real ofensa ou decepção* vinda da pessoa amada, ocorreu uma abalo nessa relação de objeto. O resultado não foi o normal – a libido [a] ser retirada desse objeto e ser deslocada para um novo - , e sim outro, que parece requerer várias condições para se produzir. O investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu.” (Freud, 1917b, p. 180)

Freud coloca que a diferença fundamental entre as formas de lidar com o sofrimento da perda no luto e na melancolia ocorre a partir de uma mudança na direção do investimento da libido. No luto normal o sujeito seria capaz de *renunciar* ao objeto perdido, de forma a retirar dele sua libido investida e esta agora libertada poderia ser substituída por um novo objeto. Já na melancolia, o sujeito não retiraria sua libido deste objeto, mas promovido pelo narcisismo secundário, a faria retornar ao Eu, levando com esta libido uma parte da

representação deste mesmo objeto, que é *incorporado* ao Eu, construindo uma *identificação narcísica* com este objeto perdido.

A identificação narcísica com o objeto se torna, então, substituto do investimento amoroso, do que resulta que a relação amorosa não precisa ser abandonada, apesar do conflito com a pessoa amada.” (Freud, 1917a, p. 181)

No que se refere à formação dos ideais, até então, compreendemos que a formação desta *instância psíquica* especulada por Freud ocorre a partir do deslocamento libidinal do Eu para os ideais estabelecidos a partir do narcisismo primário. No entanto, se coloca entre esse narcisismo primário, onde reina o “repouso, calor e a exclusão da estímulos” (Freud, 1917a, p. 152) e o *ideal de Eu*, uma importante diferença, pois este narcisismo, agora perdido, transforma-se em uma instância de desconforto, cobranças e comparações. Dessa maneira, nos parece importante compreender através deste estudo, que modificação é essa que ocorre do narcisismo primário ao ir-se transformando no ideal do Eu.

Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação. (Freud, 1917, p. 181)

Ampliando suas observações ao funcionamento geral da mente humana, reflete que haveria uma contraposição de uma parte do Eu a outra, fazendo dela uma avaliação crítica, tomando-a por objeto. Chamou esta parte destacada do Eu de *consciência moral* e a incluiu entre as “grandes instituições do Eu, ao lado da censura da consciência e do exame da realidade” (p. 178).

Desse modo a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação” (p. 181)

A partir desta operação observada, Freud compreende o que parece ser uma das condições que ela ocorra, de que esta escolha de objeto ocorrida anteriormente tenha acontecido sobre uma *base narcísica*, de maneira que o investimento objetal possa, caso apareçam dificuldades, como no caso de uma

perda, regredir ao Eu, narcisicamente. Consiste uma predisposição para adoecer de forma melancólica, a predominância da escolha de objeto do tipo narcísico. Em 1923 Freud aponta esta operação como não sendo mais restrita aos casos de melancolia, pois percebe ser através destas identificações incorporadas ao eu através das escolhas de objeto do forma narcísica, do conjunto de memórias dos objetos perdidos que se forma o caráter das pessoas.

#### 4.1. O narcisismo na segunda tópica

O ano de 1920 marcou uma fundamental mudança na maneira como Freud cocebia o funcionamento da aparelhagem psíquica. Até então esta era compreendida sob o *princípio do prazer/desprazer* postulado em 1915 sob a égide da primeira teoria pulsional, postulada no texto *O Instinto e suas vicissitudes*. Esta concepção de aparelho mental passou a sofrer substanciais alterações quando em *Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud propos a hipótese de uma forma mais fundamental de conflito psíquico que ocorre entre as *pulsões de vida e pulsões de morte*. Esta nova forma de pensar as pulsões trouxe muitas consequências à sua metapsicologia, trazendo novas concepções que tomaram diversas formas nos anos seguintes. Consideramos importante esclarecer que este capítulo não procurará trazer cada uma das diversas observações a aspectos relacionados ao narcisismo na segunda tópica, mas trazer certo destaque ao que observamos de mais relevante, buscando compreender um pouco de que forma o conceito de narcisismo foi impactado por esta importante mudança teórica.

Assim, elegemos dois textos que em nossa compreensão possuem relação com o nosso tema, no caso, elaborações freudianas sobre alguns temas sob esta nova forma de concepção do conflito pulsional e que nos sinalizam novos rumos dados ao conceito de narcisismo. São eles *Psicologia de grupo e análise do Eu*, de 1921 e *O Eu e o Id*, de 1923.

Um ano após a publicação de *Além do Princípio do Prazer*, onde ficou

estabelecida sua *segunda teoria das pulsões*, Freud escreveu *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). Neste estudo Freud buscou explorar, aplicando sua teoria da libido, o que seria capaz de fazer ou desfazer a coesão de um grupo. Compreendeu que apenas uma forte ligação afetiva, logo libidinal, seria capaz de superar os narcisismos individuais e o ódio que separaria as pessoas umas das outras, permitindo que se organizem de forma coletiva. Na formação da massa se impõe uma limitação ao narcisismo devido à ligação libidinal entre seus membros e esta renúncia em prol de alguma forma de coletividade constitui um importante fundamento da civilização.

Tal como no indivíduo, também no desenvolvimento da humanidade inteira é o amor que atua como fator cultural, no sentido de uma mudança do egoísmo em altruísmo. (Freud, 1921, p. 59)

Destacou que esta ligação afetiva necessária para a organização da massa é de ordem primitiva e ocorre através de processos de identificação. É esta identificação dos indivíduos entre eles e com a figura do líder que cria a coesão de um grupo, e a perda desta coesão é a responsável por sua dissolução. “A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (Freud, 1921, p. 60)

Retomou também neste texto as concepções de ideal do Eu e Eu ideal para explicar principalmente a relação entre os membros do grupo e o seu líder, relação esta fundada na *idealização*, de modo que o indivíduo, atraído por este ideal teria, em certa medida, sua personalidade transformada, e assim o ideal do Eu representado pela figura do líder do grupo assumiria o lugar do Eu de cada indivíduo.

Freud realiza neste texto uma maior exploração do fenômeno da identificação e para isso faz uso de diversos exemplos presentes no campo da psicopatologia. O mais importante a nós se refere à identificação com o objeto abandonado ou perdido, nos fornecendo dois exemplos. O primeiro se refere à identificação por introjeção no Eu da *fantasia* de objeto perdido, como aconteceria na gênese da homossexualidade masculina, conforme já descrito e retomado no caso de Leonardo, que identificado à sua mãe ama rapazes conforme o amor que ela tinha por ele. O segundo tipo de identificação com o

objeto abandonado, ou perdido, encontra-se na melancolia, na qual uma *parte* do Eu se identifica de forma narcísica com este objeto, produzindo um conflito intrapsíquico no qual o Eu se dividiria em duas partes, e através desta divisão se formaria o *ideal do Eu*, uma instância crítica que pode se tornar muito impiedosa e à qual ele atribui como funções a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a repressão.

Essas melancolias nos mostram ainda algo mais, que pode ser importante para nossas considerações posteriores. Elas nos mostram o Eu dividido, decomposto em dois pedaços, um dos quais se enfurece com o outro. Esse outro pedaço é aquele transformado pela introjeção, e que contém o objeto perdido. Tampouco o pedaço que se conduz tão cruelmente nos é desconhecido. Ele contém a consciência moral, uma instância crítica do Eu que também em épocas normais se contrapõe criticamente a este, mas nunca de maneira tão inexorável e tão injusta. (Freud, 1921, p. 67)

Como observado, Freud começou a construir a idéia de que a personalidade de um indivíduo e seu caráter são resultados de uma sequência de processos de identificação, não sendo possível realizar a diferenciação entre “amar o objeto” e “ser o objeto”, ou seja, as identificações primitivas são também identificações narcísicas nas quais o objeto de amor é introduzido, *canibalizado* no Eu segundo o mecanismo de introjeção melancólica.

Já em ocasiões anteriores (“Narcisismo”, “Luto e melancolia”) fomos levados à suposição de que em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos de “ideal do Eu” e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência na repressão. Dissemos que é herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. (Freud, 1921, p. 68)

Dando um salto no interior do texto, em uma passagem que não nos foi tão evidente, alguns comentadores nos chamaram atenção à idéia de que no texto de 1921 Freud retoma em seu décimo primeiro capítulo a questão da localização do narcisismo primário, onde a partir da segunda teoria do aparelho psíquico se realiza uma oposição entre um estado narcísico primitivo, *anobjetal*, indiferenciado, e as relações de objeto. Chamado também de narcisismo primário, tal estado se caracteriza pela total ausência de relações com o meio,

ou ao menos uma total indiferenciação com o mesmo se efetuar, tendo como modelo prototípico a vida intra-uterina.

Assim, com o ato de nascer passamos do narcisismo absolutamente autossuficiente à percepção de um mundo exterior variável e ao começo da busca de objetos, e a isso se liga o fato de não suportarmos duradouramente o novo estado, de periodicamente o revogarmos, voltando no sono ao estado anterior de ausência de estímulos e evitação de objetos.” (Freud, 1921, p. 95)

Assim, segundo alguns comentadores, os textos da década de 20 trazem certa confusão ao conceito, onde a noção de narcisismo primário se confunde com a de autoerotismo, o que lança o leitor numa espécie de “penumbra teórica”, conforme exposto por Garcia-Roza (1995, p. 46) ao nos expor de forma bem didática a situação de forma trazer algum esclarecimento. Segundo ele, para que o termo narcisismo seja coerente à sua origem temos de considerar a existência do Eu, e na fase autoerótica tal instância não fora ainda estabelecida. Assim, Garcia-Roza coloca não ser indicada a sobreposição do autoerotismo ao narcisismo primário, no entanto, destaca que não podemos chegar a uma conclusão de se Freud pretendeu ou não estabelecer uma relação de equivalência entre estes dois elementos em sua teoria, ou se tratariam ainda de etapas distintas na formação da subjetividade.

O texto “O Eu e o Id”, de 1923 é uma obra bastante importante por trazer além de uma síntese das hipóteses levantadas nas construções do período da década de 20 – a partir de *Além do princípio do prazer* – uma profunda mudança nas elaborações metapsicológicas freudianas. Neste trabalho Freud demonstra que o primeiro modelo do aparelho psíquico, chamado também de *primeira tópica* onde o psiquismo se divide em *inconsciente*, *pré-consciente* e *inconsciente* já não é mais suficiente para dar conta de pensar o funcionamento mental de forma satisfatória, pois percebeu que o Eu também é inconsciente em seu sentido dinâmico, o que exigiu sua ampliação, introduzindo uma nova divisão do aparelho em três instâncias: Eu, Id e o Super-eu. A partir disso Freud conclui que importantes partes do Eu e do Super-eu são inconscientes, tornando-se cada vez mais difícil estabelecer uma correspondência entre Eu e consciente, por um lado, e recaiado e o inconsciente de outro. A noção de Eu, presente desde o início de sua obra até então era utilizada para se referir, pensando de

forma topológica, a uma superficialidade do aparelho psíquico, que recebe ao mesmo tempo percepções vindas da exterioridade e do interior do corpo.

A partir deste texto Freud passa a se referir ao Eu como uma "instância de regulação" dos fenômenos psíquicos, buscando permanentemente o equilíbrio entre as exigências do Id e também do Super-eu. Retoma a conceituação de Eu enquanto uma instância psíquica formada através de marcas produzidas pelo corpo, afirmando que o Eu é em essência um derivado de sensações desta ordem, já que se encontraria numa posição de cruzamento de percepções e sensações. "O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície" (Freud, 1923, p. 32)

A partir de observações clínicas onde percebeu a manifestação de um sentimento de culpa que vinha do inconsciente de muitos pacientes neuróticos, sob a forma de autocrítica e de consciência moral, Freud atribuiu esta manifestação como provinda de uma instância psíquica particular que ele chamou de super-Eu, constituída a partir dos ideais do Eu. Questionando-se de onde viriam estas duas formações psíquicas (Eu e Super-eu), Freud levantou a hipótese de que elas se fundam a partir dos processos de identificação. Como colocado anteriormente, desde 1921 Freud começou a construir a idéia de que a personalidade de um indivíduo e seu caráter são resultados de uma sequência de processos de identificatórios.

Foi-nos dado esclarecer o doloroso infortúnio da melancolia, através da suposição de que um objeto perdido é novamente estabelecido no Eu, ou seja, um investimento objetal é substituído por uma identificação. Mas ainda não reconhecíamos, então, todo o significado deste processo, e não sabíamos como ele é típico e frequente. Desde então compreendemos que tal substituição participa enormemente na configuração do Eu e contribui de modo essencial para formar o que se denomina seu *caráter*. (Freud, 1923, p. 35)

Tais identificações de maneira articulada se comportam como uma instância particular no Eu, opondo-se ao Super-eu ou ideal de Eu. Quando o Eu se torna mais fortalecido a partir da reunião destes precipitados identificatórios, o Eu consegue realizar a diferenciação entre amor e identificação, tornando-se

capaz de abandonar seus objetivos sexuais, e de investir seus objetos de amor de uma libido narcísica sublimada, identificando-se ao mesmo tempo com traços de sua personalidade: “Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Id como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda dizendo: “Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto.” (Freud, 1923, p. 37)

Por fim, percebeu que a instância psíquica Super-eu não se forma exclusivamente de identificações com os pais, mas também do resultado de proibições parentais. É interessante pensar este processo utilizando o termo *resultado*, pois anuncia a existência de um dinamismo entre estes precipitados de objeto, e não apenas uma composição marcada por sua presença/ausência. Desta maneira, o Super-eu apresentaria uma dupla face em sua relação com o Eu, onde por um lado, o encoraja, e de outro promove sua castração, impondo-lhe proibições.

Mas o Super-eu não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do id; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você *deve* ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele.” (Freud, 1923, p. 43)

O ponto mais importante deste texto que compreendemos ser relevante destacar se refere a uma redefinição dos conceitos de narcisismo primário, explorando-os agora sob a luz desta nova concepção estrutural do aparelho psíquico. No quarto capítulo do texto, “as duas espécies de instintos”, Freud mencionou um acúmulo de libido no Id, libido que seria investida em objetos externos, mas que em momento posterior o Eu já fortalecido busca se apropriar desta libido impondo-se ao Id como um objeto de amor, sendo este mecanismo compreendido como condizente com narcisismo secundário.

Um importante desenvolvimento haveria de ser feito agora na teoria do narcisismo. Bem no início, toda a libido se acha acumulada no Id, enquanto o Eu ainda está em formação ou é fraco. O Id envia parte dessa libido para investimentos objetais eróticos, e com isso o Eu

fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetal e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído aos objetos.” (Freud, 1923, p. 58)

Conforme observa Laplanche e Pontalis (1992), a antiga concepção da presença do narcisismo como sendo simultânea à formação do Eu não chega a ser abandonada, mas ao invés de se compreender como um mecanismo do narcisismo primário, *originário*, surge agora como fenômeno do narcisismo secundário.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com este trabalho realizar uma investigação do narcisismo através da construção freudiana sobre o tema de forma a não apenas de angariar sua compreensão conceitual, mas também levantar algumas transformações por ele promovidas ao conjunto de sua obra, sua metapsicologia e sistema de pensamento.

Para isso reunimos alguns textos que já era de nosso conhecimento possuírem alguma forma de elaboração do narcisismo e a partir deles fomos levados a outros. Nesse sentido, reconhecemos que por vários momentos nos detemos mais à alguns assuntos que outros, no entanto, este trabalho se propondo a realizar uma exploração sobre a construção do conceito tendo como principal eixo a história do conceito, encontrando na organização temporal sua principal fonte condutora, acreditamos não haver nos desviado de nosso objetivo.

Com o estudo do narcisismo na obra de Freud podemos compreender que o mesmo não pode ser compreendido

Ado longo dos capítulos tratamos:

- das primeiras elaborações do narcisismo feitas pela clinica psiquiátrica, de onde freud tomou emprestado não apenas o uso do termo, mas o que fora até então estabelecido sobre ele, o que nos trouxe certa dificuldade.

- de descobrir os motivos que levaram freud a iniciar seu trabalho de conceituação do narcisismo, que era o de tentar incluir em sua metapsicologia os fenômenos observados na clinica das psicoses

- das primeiras vezes que freud se referiu ao narcisismo em sua obra, através dos textos x, onde:

1. Na nota de rodapé e no caso Leonardo faz uso do narcisismo para tentar compreender a gênese da homossexualidade masculina e acaba se deparando de pensar o narcisismo de forma articulada aos processos de identificação, na época ainda pouco explorados

2. Na troca epistolar com Jung a gestação do conceito pode ser observada durante as discussões na tentativa de realizar um diagnostico diferencial entre a histeria e a paranoia

2. No caso Schereber, onde buscando descobrir um mecanismo especefico na psicose observa o narcisismo surgir em meio a duas importantes investigações, no caso a paranoia como

defesa contra um desejo homossexual e do delírio de fim de mundo, o outro lado da moeda do delírio de grandeza. A partir destas investigações estabelece o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e a capacidade de escolha objetal. E que a partir de um Eu constituído, este também pode ser tomado por objeto do investimento libidinal

3. Em Totem e Tabu, durante sua investigação sobre o animismo, a magia e a onipotência dos pensamentos observa que estas, por estarem relacionadas ao narcisismo, estariam correspondendo a uma fase precoce do desenvolvimento libidinal. Estabelece que a origem da cultura tem sua formação ocorrendo de maneira análoga a do eu através da unificação de uma pluralidade dispersiva e que toma o Eu como objeto de investimento

- 1914 – texto de 1914 é marcado pela desavença com Jung e o texto se constrói como uma tentativa de reafirmar sua teoria da libido.

Recusa a idéia de narcisismo como perversão sexual,

realiza uma diferenciação entre o abandono da relação com a realidade nas neuroses e psicoses, conseguindo assim encontrar no narcisismo uma das maneiras de se realizar o diagnóstico diferencial entre histeria e paranoia

estabelece uma oposição entre libido do Eu e libido de objeto, onde estabelece um balanço entre ambas as direções de investimento, numa espécie de princípio de conservação de energia, onde quanto mais um polo se enriquece mais o outro se empobrece.

Questiona que relação existiria entre o narcisismo e o autoerotismo, concluindo que um Eu não pode existir desde o começo, e, sendo as pulsões eróticas primordiais, estas dependeriam de que algo fosse acrescentado ao autoerotismo para a formação de um narcisismo, uma nova ação psíquica que foi compreendida como sendo o Eu. Assim, estabeleceu que a constituição do Eu é contemporânea ao narcisismo.

Traz como matéria de observação do narcisismo secundário a doença orgânica, o sono e a hipocondria o que o faz acrescentar uma dimensão econômica a natureza do narcisismo, diferente como uma fase evolutiva do ser humano mas como um momento de represamento da libido que nenhum objeto permitirá ultrapassar completamente. Ainda nas explorações sobre formas observáveis do narcisismo dentro do cotidiano, estuda as escolhas de objeto de amor nas relações amorosas entre homens e mulheres e a partir disso faz a diferenciação entre duas formas de escolha de objeto, a escolha de objeto por apoio e a escolha de objeto narcísica, por identificação.

Também evoca o narcisismo primário da criança, “Sua majestade o bebê” de Freud para apontar o lugar onde os pais colocam a criança, situando uma parte de si mesmos acima das interdições da cultura, como um depositário do narcisismo renunciado dos pais e que estaria a salvo da castração.

A partir das considerações sobre as perturbações do narcisismo primário Freud estabelece como o conceito de narcisismo como sendo fortelemente articulado com os complexos de castração, já que este trata-se de uma incidência sobre a integridade de um corpo narcisicamente unificado

- Questiona-se sobre quais seriam os destinos dessa libido do Eu e quais seriam os possíveis caminhos do narcisismo primário, encontrando na ideia de Ideal do Eu uma maneira de readquirir a satisfação narcísica através da tentativa de retornar a um tempo de fusionamento do Eu com o seu ideal. Esta concepção traz importantíssimos desdobramentos na teoria freudiana, pois a partir da ideia de ideal do Eu Freud mais à frente elaborou a concepção de Super-eu, uma nova instância psíquica.

## LUTO E MELANCOLIA

Pelo que podemos observar, Freud novamente na tentativa de realizar um diagnóstico diferencial, desta vez entre o luto normal e o patológico, encontra na mudança de direção do investimento da libido no caso da perda de objeto a diferença de que na melancolia o sujeito ao não retirar sua libido do objeto perdido ou abandonado, o faz retornar ao Eu levando com esta libido partes do objeto que serão incorporados ao eu, construindo uma identificação narcísica com o objeto. Parecendo ser uma das condições para que um quadro de melancolia se germine, uma escolha de objeto de base narcísica.

### Segunda tópica

Os principais pontos a serem destacados nos textos da segunda tópica e que entendemos como os pontos importantes ao tema do narcisismo foram

- Em psicologia das massas e análise do eu, Freud compreendeu que apenas uma forte ligação afetiva, seria capaz de superar os narcisismos individuais, sendo necessária para a organização da massa. Esta só seria possível através de processos de identificação que seriam de ordem muito primitiva, mas que garantiriam sua coesão. Passou a explorar o fenômeno da identificação, se detendo principalmente ao tipo de identificação narcísica, e a partir disso se aprofundou um pouco mais na formulação dos ideais, do Ideal do Eu.

- Com a ajuda de alguns comentadores podemos também observar que Freud neste texto retoma a questão da localização do narcisismo primário, pois, a partir das modificações obtidas pela segunda tópica, realiza uma oposição entre um estado narcísico primitivo, anobjetal, e as relações de objeto, apagando

Assim, segundo alguns comentadores, os textos da década de 20 trazem certa confusão ao conceito, onde a noção de narcisismo primário se confunde com a de autoerotismo, o que lança o leitor numa espécie de "penumbra teórica", conforme exposto por Garcia-Roza (1995, p. 46) ao nos expor de forma bem didática a situação de forma trazer algum esclarecimento. Segundo ele, para que o termo narcisismo seja coerente à sua origem temos de considerar a existência do Eu, e na fase autoerótica tal instância não fora ainda estabelecida. Assim, Garcia-Roza coloca não ser indicada a sobreposição do autoerotismo ao narcisismo primário, no entanto, destaca que não podemos chegar a uma

conclusão de se Freud pretendeu ou não estabelecer uma relação de equivalência entre estes dois elementos em sua teoria, ou se tratariam ainda de etapas distintas na formação da subjetividade

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

#### **5. CONCLUSÃO**

A definição do narcisismo ampliou a psicopatologia psicanalítica bem como criou novos impasses teóricos para a psicanálise a partir de reformulações de outros conceitos, como os de pulsão e libido.

O conceito de narcisismo constitui um dos pilares da metapsicologia freudiana. Fundamental para o entendimento do processo de constituição de uma aparelhagem psíquica, o conceito de narcisismo surgiu plenamente no texto de 1914 (Introdução ao narcisismo) na tentativa de tentar incluir as manifestações psicóticas no campo psicanalítico. Segundo levantamento realizado, a construção do conceito de narcisismo permeia diversos textos de Freud distribuídos ao longo de toda a sua obra como “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci” (1910), “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” (1911), “Totem e Tabu” (1913), “Introdução ao narcisismo” (1914), “Luto e melancolia” (1916), “Além do princípio do prazer” (1920), “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), “O

Ego e o Id” (1923), entre outros. Ao longo da obra o conceito de narcisismo sofreu diversos avanços e proporcionou à teoria psicanalítica diversos desdobramentos. Dessa maneira, acompanhar a construção e evolução do conceito de narcisismo parece uma interessante oportunidade de apreender satisfatoriamente não apenas o conceito propriamente dito, mas também o sistema de pensamento de Freud, que é principal objetivo com este curso de especialização

O texto “Introdução ao narcisismo”, de 1914 não é um texto fácil de ser apreendido. Apesar de relativamente curto (36 páginas), sua complexidade se explicita através de uma densidade que faz com que cada parte curta do texto contenha uma quantidade muito grande de informações. Conforme bem colocado por Guimarães (2012), para um trabalho acadêmico, este texto demanda uma *descompactação*.

. Como se não nos bastasse, a apreensão da construção do conceito, como a maioria deles em Freud, não é possível de ser realizada com o estudo de apenas um texto, mas de vários, senão de certa maneira, de toda a sua obra.

**O narcisismo teria servido como diferencial diagnóstico entre a neurose e a psicose.**

Esta observação do narcisismo como algo que irá unir, as pulsões nos é bastante significativa, por entendermos se tratar do esboço de Freud no pensar a formação de alguma forma de unidade no psiquismo. Durante todo este trabalho, nos chama bastante atenção o efeito de *agregação* provocado pela atitude narcísica. O narcisismo se faz bastante presente na clínica das psicoses, tanto por sua suposição através da observação dos sintomas psicóticos dos pacientes, como é o caso dos delírios, da atitude megalomaníaca e do desinvestimento no mundo, mas também pela presença da sensação de *desagregação* – o outro lado da moeda – vivida de maneira *contratransferencial*, ao se colocar em contato com a psicose, algo bastante vivido na prática dentro de instituições que se propõem aos cuidados com estes pacientes, como é o caso dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial). **O profissional de saúde mental que atende nestes serviços com frequência experimenta uma série de sensações subjetivas que podem impeli-lo à uma atitude narcísica, pois diante desta desagregação experimentada pelos imperativos .....**

**, talvez pela observação da *desagregação, ruptura, despedaçamento* tão observado na clínica das psicoses, a nos indicar esta clínica como de alguma forma a nos contar algo do narcisismo, seja pela sua presença, ausência, ou presença de forma patológica. É bastante comum encontrarmos na clínica da psicose a vivência desta experiência tão difícil, não apenas no que se refere à observação dos sofrimentos dos pacientes, mas em nossa própria reação transferencial (?) cotidiana. Não é raro em serviços especializados no cuidado dos sofrimentos mentais graves, como nos CAPS, nos depararmos com uma sensação muito aflitiva de desagregação, que durante um certo tempo me impelia ao desejo de esconder-me no banheiro**

de forma a tentar me recompor, me juntar, depois da experiência de um atravessamento cortante, desmembrador, que não se observa apenas na relação com os pacientes, mas também com a equipe e os imperativos que circulam o trabalho em um CAPS. Também me recordo de, em um certo serviço, haver uma questão de como os membros da equipe tendiam a passar muito tempo na “sala dos técnicos”, um espaço reservado dentro da instituição, não frequentado comumente pelos pacientes. Tratava-se, em minha observação, dos desdobramentos do mesmo fenômeno, a sala dos técnicos como um lugar de recomposição, de refúgio desta *coisa* desagregadora.

## BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, in. Sigmund Freud Obras Completas, v. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_ (1910) *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1911) *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em um autobiografia ("O caso Schreber")*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1913) *Totem e Tabu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1914) *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1915) *Os instintos e suas vicissitudes*, em Sigmund Freud Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1917a) *Complemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

\_\_\_\_\_ (1917b) *Luto e Melancolia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

\_\_\_\_\_ (1920) *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1921) *Psicologia das massas e análise do eu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_ (1923) *O Ego e o Id*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana III; 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MCGUIRE, W. (Org). *Correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MIGUELEZ, O. M. *Narcisismos*. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

